

Galeria dos Leões
19.09 – 04.10.2014

VIAGENS
NA
MINHA
TERRA

PREÂMBULO: A VIAGEM COMO VERBO

“Viagens na Minha Terra”, de Maria Afonso e Alcina Manuela Carneiro, é um projeto que reflete sobre a condição da viagem, mais como um verbo do que como nome. Nas diferenças entre as duas práticas, comprometidas com o desenho e a gravura, somos levados a pensar a viagem não como o tema narrativo de uma série de imagens ou o cenário de um texto a ser lido, mas como um processo criativo pelo qual as identidades subjetivas e coletivas se formam.

A viagem enquanto verbo – e prática cultural – sempre foi uma circunstância recorrente nas artes visuais. Dos pequenos álbuns da viagem marroquina do pintor Eugène Declaroix em 1832, passando por “*Paris Sans Fin*” que Alberto Giacometti iniciou em 1959, às *Twenty-Six Gasoline Stations* que Ed Ruscha fotografou numa viagem entre Oklahoma e Los Angeles em 1962, ou à reedição da viagem do naturalista William Bartram que Mark Dion concluiu em 2008, a viagem aparece como fuga, desejo, peregrinação, deriva, um espaço de construção e invenção do próprio autor: simultaneamente meio e substância, significante e significado, contendor e conteúdo da prática artística.

No capítulo “*V de Voyage*” da série *Abécédaire*, Gilles Deleuze formula o paradoxo da viagem em outro sentido: o das viagens imóveis, que são feitas sem qualquer deslocamento, como um exercício de intensidade mais do que extensão. A sua antipatia pelas outras viagens, as que nos obrigam a ir de um lado para outro, decorre justamente das condições que estão na origem

da maior parte das viagens. Para Deleuze, estas viagens – como as que se fazem pelo puro prazer de viajar – são sempre tentativas de uma rutura, mas uma falsa rutura: “as pessoas que viajam muito têm depois orgulho disso, e dizem mesmo que vão à procura de um pai”, refere. Há, para Deleuze, ainda a questão dos nómadas, cuja natureza reside no facto de serem pessoas que não viajam. Ficam, literalmente, imóveis, porque se apegam à terra, mesmo quando ela se torna um deserto. São nómadas porque não querem sair, e é isso que os torna nómadas na sua própria terra, ao contrário dos exilados e dos emigrantes, cujas viagens são sagradas, porque forçadas.

Mas a verdadeira viagem, refere Deleuze, é aquela que fazemos para verificar. Viajamos porque queremos constatar algo, se a cor com que sonhámos é mesmo aquela, referia Proust: “Um mau sonhador é alguém que não vai ver se a cor com a qual sonhou está mesmo lá, mas um bom sonhador sabe que deve verificar, ver se a cor está realmente lá”.

É esta viagem, mais do domínio da intensidade do que da extensão, que liga – como todas as viagens fazem – conceptualmente o trabalho de Maria Afonso e Alcina Manuela Carneiro.

Paulo Luís Almeida
Setembro 2014

VIAGENS NA MINHA TERRA

*Estas minhas
interessantes viagens hão-
-de ser uma obra prima,
erudita, brilhante
de pensamentos novos,
uma coisa digna do século.
Preciso de o dizer
ao leitor, para que ele
esteja prevenido; não cuide
que são quaisquer dessas
rabiscaduras da moda que,
com o título de “Impressões
de Viagem”, ou outro
que tal, fatigam
as imprensas da Europa
sem nenhum proveito
da ciência e do
adiantamento da espécie.*

*

*Que viaje à roda do seu quarto quem está
à beira dos Alpes, de Inverno, em Turim,
que é quase tão frio como São Petersburgo
– entende-se. Mas com este clima que Deus
nos deu, onde a laranjeira cresce na horta,
e o mato é de murta, o próprio Xavier de
Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia
até ao quintal.*

Dos galhos apanhados no terreno de Maria surgem as impressões gravadas sobre as páginas de uma primeira edição do livro de Almeida Garrett: Viagens na Minha Terra. Estes galhos impressos a negro adquirem a forma de caracteres que parecem querer conquistar uma nova

escrita sobre a existente, se a estes um código lhes for atribuído. Imprimir sobre a palavra impressa torna-se tão redundante quanto voltar dentro de um apartamento. Às voltas em torno de um centro, eis que surgem os desenhos Concêntricos. Apesar de parecer nunca se sair do sítio, é permitida a fuga mental através de uma forma de hipnose. Viaja-se.

É na viagem que reside a geografia do espaço. Mas, se esta implica a deslocação do corpo, também lhe permite a quietude, dando lugar a deslocações mentais. Em ambos os trabalhos apresentados, Alcina Manuela e Maria Afonso entregam-se a essa forma de viajar, onde os registos são linhas paralelas de mapas mentais. Constituem-se na gramática das paisagens das viagens de ambas.

Maria pode deslocar-se ao quintal das traseiras do seu espaço de trabalho. Esse contato com o exterior, permite transferir esse ambiente libertador para o seu trabalho para o reinventar, falar sobre ele, através da utilização dos galhos de que se apropria. Na impressão exaustiva desses galhos sobre o papel impresso até à sua quase destruição – por desgaste –, pressente-se uma contínua procura de sentido da combinação dos elementos.

Num oitavo andar, no Porto, fica o quarto de Alcina Manuela. É possível avistar-se o mar. Num rodopiar frenético, entrega-se à geometria precisa do compasso, à junção de cores e ao movimento exaustivo da mão que risca sobre o papel com os lápis coloridos, donde resultam os desenhos Concêntricos. Este trabalho tem tanto de obsessivo quanto de liber-

tador. A vontade de confrontar combinações entre formas e cores, de ver surgir os resultados que nascem nas dobras do papel, impelem essa busca.

Entre ambas, os encontros são frequentes. Para isso mantêm-se movimentações contínuas de comboio entre o Porto e Estarreja, locais de residência de cada uma. Viajam. E assim, vão percorrendo um caminho que se assemelha a retas paralelas, quais linhas de comboio, tendo neste Espaço-Galeria (a dos Leões), a possibilidade de cruzar e mostrar alguns desses trabalhos.

- 1 Garrett, Almeida. *Viagens na minha Terra*. p.2. Companhia Editora do Minho, 1ª Edição, 1966, Barcelos.
- 2 NOTA DO AUTOR: É visível alusão ao popular e inimitável opúsculo de Xavier de Maistre, *Voyage autour de ma chambre*, que de certo foi principiado a escrever em Turim e que muitos supõem que fosse concluído em São Petersburgo
- 3 Garrett, Almeida. *Viagens na minha Terra*. pp. 16,17. Companhia Editora do Minho, 1ª Edição, 1966, Barcelos.

ALCINA MANUELA CARNEIRO

Licenciatura em Artes Plásticas –
Escultura, na Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto, 2006.

Mestrado em Desenho e Técnicas de
Impressão, com o projeto tese *Esta vida
de Desenho – Registos (i)mundos no
caderno diário*, na Faculdade de Belas
Artes da Universidade do Porto, 2011.

Presente em diversas exposições
individuais e coletivas, em diferentes
espaços e instituições: Associação
Verde-Rubro; Espaço Gesto Cooperativa
Cultural; ESTÚDIO UM, Escola de
Arquitetura Universidade Do Minho;
Galeria dos Leões, Arte em Segredo;
Oceanário de Lisboa, “Tartarugas
Marinhas. A Viagem”.

Docente na escola superior ESE
IPP Porto, no curso Artes Visuais e
Tecnologias Artísticas, entre 2011 e 2014.

Orientadora de diversas oficinas e
atelier de desenho na Casa da Imagem,
Fundação Manuel Leão.

Orientadora dos Ateliers de Pintura e
Trabalhos Manuais no lar de 3^a idade,
CCD-Lar Monte dos Burgos.

Desde 2009, colaboração com a Porto
Digital, no projeto Memórias Criativas,
em relação com diversas escolas do
Ensino Básico da cidade do Porto.

Parceria com a editora discográfica Bor
Land na elaboração de capas e packagings
manuais para CD, entre 2004 e 2010.

Curadora da exposição de encerramento
da editora, Bor Land What Can it Be, na
cooperativa Gesto.

Vive e trabalha no Porto.

MARIA ELISABETE AFONSO DE ALMEIDA AMARAL

Mestrado em Desenho e Técnicas de Impressão, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2011, Porto;

Licenciatura em Artes Plásticas e Intermédia pela Escola Superior Artística do Porto, 2009, Porto.

Diversas exposições individuais e coletivas, 1994/2014, Portugal, Espanha; Participação nas quatro edições do “Arte em Segredo”, Galeria dos Leões, Reitoria da Universidade do Porto.

“EXPEDIENTE”, exposición de libros de artista y ejemplos de auto edición en FBAUP, Biblioteca da Faculdade de Bellas Artes, Universidade Complutense de Madrid, Madrid, Comissaria: Marta Aguilar Moreno.

Participação como assistente na Performance Anamnesis II da artista polaco-americana Monika Weiss, no contexto do evento “Drawing in the University Today”, Museu da Faculdade das Belas Artes da Universidade do Porto. Projeto implementado e desenvolvido na Escola da Vagueira, com os alunos do pré-escolar, 1º e 2º ciclos sobre o carnaval : “Os Cardadores do Vale de Ílhavo”, 2014, Vagueira, Aveiro;

Desenho Performativo, ao longo do Recital Final de Canto (mestrado em Música) da Soprano Sandra Morais, Universidade de Aveiro, 2013, Aveiro.

Criação e implementação do projeto: “Vamos à Escola” com os utentes, alunos do pré-escolar, adolescentes do Clube Juvenil da Santa Casa da Misericórdia de Estarreja, bem como uma turma do 5º e 6º anos da Escola EB23 Pe Donaciano Abreu Freire, Estarreja, regime de voluntariado,

2012/14, Escola Pe. Donaciano de Abreu Freire, Estarreja.

Autora do Cartaz e Convite do “Encontro de Género e Igualdade”, org. Santa Casa da Misericórdia de Estarreja – Projeto B.I.G., 2012 e Artista convidada para integrar Imagem de duas Pinturas suas na capa e contracapa do livro editado no “Encontro de Género e Igualdade- Reflexão em rede para novos caminhos em Estarreja”, org. Santa Casa da Misericórdia de Estarreja – Projecto B.I.G., edição C.I.G. – Comissão para a Igualdade de Género, 2012.

maria.afonso.09@gmail.com

www.mariaafonso.pt

www.mariaelisabeteamaral.blogspot.com;

www.behance.net/MariaAfonso

www.facebook.com/maria.afonso.121 .

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Graciela Machado

CURADORIA

SGEEM - FBAUP

ARTISTAS

Alcina Manuela Carneiro

Maria Afonso

PRODUÇÃO E MONTAGEM

Artistas em Exposição

DOCUMENTAÇÃO e PREPARAÇÃO DE OBJETOS

Luís Nunes

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Rocío Madrid e Márcia Novais

DIVULGAÇÃO

Joana Cunha